



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

VASTI JULIETA DINIZ GOMES

REPRESENTAÇÕES DO LIVRO NA PINTURA: práticas de leituras evocadas

João Pessoa

2019

VASTI JULIETA DINIZ GOMES

REPRESENTAÇÃO DO LIVRO NA PINTURA: práticas de leituras evocadas

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção de grau de Bacharel.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Eliane Bezerra Paiva

João Pessoa

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

G633r Gomes, Vasti Julieta Diniz.

Representações do livro na pintura: práticas de leitura
evocadas / Vasti Julieta Diniz Gomes. – João Pessoa,
2019.

49 f. : il.

Monografia (Graduação) – UFPB/CCSA.

1. Livro na pintura. 2. Práticas de leitura. 3.
História do livro. I. Título

UFPB/CCSA

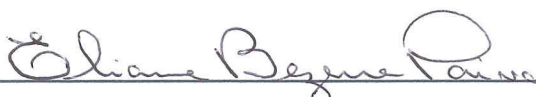
VASTI JULIETA DINIZ GOMES

REPRESENTAÇÃO DO LIVRO NA PINTURA: práticas de leituras evocadas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito à obtenção de grau de Bacharel.

Aprovada em 15 / Maio / 2019.

Banca Examinadora



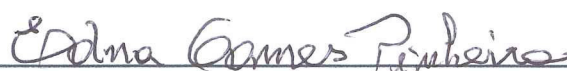
Prof.^a Dr.^a Eliane Bezerra Paiva

Universidade Federal da Paraíba | Orientadora



Prof.^a Dr.^a Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque

Universidade Federal da Paraíba | Examinadora



Prof.^a Dr.^a Edna Gomes Pinheiro

Universidade Federal da Paraíba | Examinadora

Ao ETERNO, que me permitiu chegar até
aqui.

DEDICO!

AGRADECIMENTOS

Ao Eterno Deus, fonte de toda sabedoria e conhecimento, por ter me guiado e ajudado, me permitindo chegar até aqui.

Aos meus pais, pela paciência e cuidado, toda minha gratidão. A ajuda e o amor de vocês contribuíram para que eu pudesse tornar esse sonho real.

Às minhas amadas irmãs, não tenho palavras para descrever o quão importante e significativa foi a presença de vocês ao longo dessa jornada. Por compreenderem minha falta de tempo e momentos de *stress*, minha gratidão!

A Cris Maciel, por ter sido um anjo em forma humana, toda sua ajuda foi imensurável, se eu fosse pagar, não poderia. A amizade é tudo.

Ao meu cunhado Jailton Paiva por todo apoio.

A Fernanda Alves, pelas tardes de estudo em 2013.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que me oportunizaram a janela de um curso superior.

À minha orientadora Eliane Bezerra Paiva, por ter aceitado de bom grado me orientar na confecção desse trabalho, pelo suporte e atenção, pelas correções, paciência e compreensão.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, e me ajudaram na realização desse sonho, o meu muito obrigada.

RESUMO

Assim como o livro torna material o pensamento na forma do texto escrito, a pintura reflete os modos de interação e a percepção da sociedade com relação a esse objeto. A pintura pode apresentar modos de ler de leitores distintos ao retratar o manuseio e o armazenamento dos diversos suportes pelos quais o livro passou e o contexto no qual ele está inserido. Assim, buscando compreender como se dão as práticas de leitura em diferentes tempos e lugares, realizou-se uma pesquisa de natureza descritiva e exploratória que tem como objetivo geral investigar a representação da imagem do livro na pintura, levando em consideração a sua materialidade e as práticas de leitura que evoca. O estudo embasa-se numa abordagem histórica da leitura e do livro a partir dos estudos de Roger Chartier e, trazendo à materialidade o que ele chama de “prática cultural”, levando em consideração o livro no contexto sociocultural. A revisão da literatura, que dá aporte teórico à pesquisa abrange as temáticas história do livro e da leitura e pintura. A metodologia inclui uma pesquisa documental, um levantamento bibliográfico para compor a revisão da literatura e uma coleta de imagens de pinturas na Internet. O *corpus* da pesquisa abrange 11 imagens que correspondem a pinturas de artistas de diversos períodos históricos e movimentos artísticos. Após a coleta das imagens realizou-se a seleção das obras, correlacionando-as às práticas de leitura e efetuando a análise a partir da literatura. A coleta das imagens ocorreu em novembro de 2018. Realizou-se um levantamento sobre o tipo de imagem que seria utilizada para elaboração da pesquisa, com o propósito de correlacionar as práticas de leitura com as pinturas com que seriam analisadas. Utilizou-se a observação como técnica de análise, centrada, sobretudo nas posturas e nos gestos no momento da leitura e o movimento artístico da época, como também questões referentes ao gênero do indivíduo que está representado na obra. Construíram-se categorias de análise para demonstrar essas práticas de leitura, tais como: leitura silenciosa/solitária, leitura em voz alta e leitura acompanhada. Os resultados da pesquisa apontam que as pinturas analisadas refletem as práticas de leitura da época. Conclui-se diante do exposto que o contexto histórico social foi preponderante para definir as práticas e modos de leitura. As personagens representadas na pintura tornaram visíveis a sociedade a qual pertenciam, nos permitindo um questionamento do porquê tais gestos eram postos em prática na ocasião, gerando através da observação uma série de pressupostos da obra de forma geral, do livro e acerca do ambiente da leitura por essa representados.

Palavras-chave: Livro na pintura. Práticas de leitura. História do livro.

ABSTRACT

Just as the book materializes the thought to a written text, the painting reflects the ways of interaction and the perception of society. A painting could present the reading ways from different readers by depicting the handling and storing of the many foundations from which the book has been through as well as the context in which it is inserted. Thus, by trying to comprehend the reading practices in different periods and places, a descriptive and exploratory research was made with the general aim of investigating the representation of the book figure in painting, considering its materiality and the reading practices that it evokes. This study is based on a historical approach of the reading and the book by the works of Roger Chartier, bringing into materiality what he calls "cultural practice", that is, taking in consideration the book inside a sociocultural context. The research *corpus* comprises 11 pictures indicating the paintings from artists of different historical periods and artistic movements. After the assembling of the images, the selection of the works were made by correlating them with the reading practices and then making an analysis based on the selected literature. The assembling of the images took place in november, 2018. An overview regarding the kind of image that would be used for the framing of research was made with the purpose of correlating the reading practices with the pictures that would be analyzed. The observation was the main analytic tool, which was centered specially in the stances and gestures in the moment of reading and the artistic movement of the selected point in history, also considering the individual's gender matters depicted in the artwork. Categories of analysis were formulated to show those reading practices, such as: silent/lonely reading, reading out loud and accompanied reading. The research results indicate that the analyzed pictures reflects the reading practices of their epoch. By those informations, it is concluded that the historical context was preponderant in defining the practices and reading manners. The characters portrayed on the painting made visible the society in which they belonged, making possible to ponder why such gestures were put in practice on that occasion, generating, through observation, a sequence of assumptions regarding the work of art, the book and the reading mood depicted by the paintings.

Keywords: Book in the painting. Reading practices. History of the book.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - The bibliophile, Johann Hanza, 1880.	30
Figura 2 - Portrait of Doctor Alphonse Leroy, Jacques-Louis David, 1783.	30
Figura 3 - Reader in library, Alois Heinrich Priechenfried, 1867.....	30
Figura 4 - Dans la Bibliothèque, Auguste Toulmouche, 1872.....	31
Figura 5 - Madame Pompadour, François Boucher, 1756.....	31
Figura 6 - Leisure hours, Georges Croegaert, 1890.....	32
Figura 7 - Portrait of Winifred Robers, Eleanor Fortescue, 1913.....	32
Figura 8 - Vida de St Agostinho, Charles-André van Loo, 1753.....	33
Figura 9 - Lendo Devoções ao Avô, Albert Anker, 1893.....	34
Figura 10 - Reading Lesson, 1865 Auguste Toulmouche.....	34
Figura 11 - Forbidden Fruit (Le Fruit Défendu), Auguste Toulmouche, 1865.....	35

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 OBJETIVO GERAL	11
1.1.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
2 SOBRE LIVROS E PINTURA	14
2.1 PRÁTICAS DE LEITURA	19
2.2 O LIVRO E A PINTURA: REPRESENTAÇÕES	23
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	26
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	26
3.2 FASES DA PESQUISA	27
3.3 COLETA DE DADOS	27
3.4 <i>CORPUS</i> DA PESQUISA	28
3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS	28
4 LIVRO E LEITURA: representações na pintura e práticas leitoras evocadas.....	30
4.1 LEITURA SILENCIOSA/SOLITÁRIA.....	30
4.2 LEITURA EM VOZ ALTA	36
4.3 LEITURA ACOMPANHADA	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

Na história do livro e da arte, a materialidade trouxe diversos questionamentos ao longo dos anos. A representatividade do texto escrito e da pintura em tela foram suficientes para marcar épocas, lugares e formas de pensar. Quanto ao seu valor, “[...] os livros tornam-se objetos carregados, não apenas de um escrito, de conteúdo textual, mas também de uma ação leitora sobre/com a materialidade.” (GOULART, 2014, p.13)

O livro, através do tempo adquiriu formas e significados distintos. Ele representou a memória e a cultura de um povo, trouxe liberdade e conhecimento, foi símbolo do sagrado e do profano, foi reproduzido e censurado, constituiu um marco desde o seu surgimento. “O livro é um dos suportes de transmissão do conhecimento, memória e linguagem que, inevitavelmente, recorre a dois meios que se complementam: Palavra e Imagem.” (GRAÇA, 2015, p.32)

Assim como o livro, a pintura representando esse objeto, de igual modo também é passível de ser lida. Ela demonstra as práticas de leitura, manuseio e armazenamento dos diversos suportes pelos quais o livro passou e o contexto que ele está inserido.

No período medieval, época do teocentrismo, compreendido do Século V ao XV, as pinturas, em sua maioria, buscavam representar a figura de Deus e da igreja, devido à influência religiosa da época. Segundo Goulart (2014, p.12), “[...] durante a Idade Média, o livro foi marcado pela representação do conhecimento, de valores morais e religiosos e pela diversidade de práticas decorrentes de seu uso.” Com o final da Idade Média, a época posterior ficou conhecida pelo renascimento cultural e artístico e pela presença do antropocentrismo em suas representações.

De fato, a pintura era a forma de representação da sociedade, da religião e do comportamento humano. Como se configuram as imagens do livro retratado nas pinturas? Qual o papel da leitura e dos livros retratados nas pinturas para a sociedade? Qual o valor dado aos livros e à leitura nos diversos períodos históricos? As representações do livro nas pinturas evocam quais práticas de leitura?

Buscando encontrar respostas a tais questionamentos, realizamos uma pesquisa cujos objetivos apresentamos a seguir:

1.1 OBJETIVO GERAL

Investigar a representação da imagem do livro na pintura, levando em consideração a sua materialidade e as práticas de leitura que evoca. A partir deste objetivo, constituímos como específicos os objetivos a seguir:

1.1.1 Objetivos específicos

1. Identificar a iconografia do livro refletida na pintura;
2. Verificar as formas e significados dos livros ao longo do tempo;
3. Reconhecer as práticas de leitura evocadas nas pinturas;
4. Avaliar a relação leitor/livro a partir das pinturas selecionadas;
5. Ressaltar a importância dada aos livros e à leitura nas pinturas.

A escolha desse tema é motivada pelo meu fascínio pelo universo do livro e da transformação que a leitura proporciona, reconhecendo na pintura, a extensão desse universo em imagens.

Partiu também da professora Eliane Bezerra Paiva, que no segundo período, enquanto professora da disciplina de Fontes Gerais da Informação, sugeriu à turma que seria interessante um Trabalho de Conclusão de Curso que abordasse a temática dos livros nas pinturas, visto que havia poucos trabalhos sobre esse assunto.

Desde então, eu decidi que seria esse o tema de minha pesquisa. Iniciei minhas buscas por pinturas que, de alguma forma, tivessem o livro representado. Nesse momento inicial, me dei conta da amplitude desse universo, pois não se tratava apenas da pintura de um objeto, mas o que estava ali representado, era uma forma de viver, traduzia um contexto em forma de imagem, uma evocação das práticas de leitura e da relação do leitor com o livro.

O ato de evocar diz respeito a trazer à memória, fazer lembrar algo, tornar visível através de uma lembrança da realidade.

Identificando na pintura, as diversas formas de representação e traçando os caminhos pelo qual o livro, enquanto objeto percorreu através dos anos, notamos sua singularidade para cada época e classe social em que está inserido. Isso me fez

querer compreender quais sentimentos e emoções se faziam presentes e estariam relacionadas com a posse daquele que simbolizava o conhecimento e proporcionava *status*.

Outra motivação para o estudo desse tema é a grande contribuição para nossa área, pois, após uma pesquisa descobrimos que o tema ainda é pouco estudado pelos concluintes do Curso de Biblioteconomia desta universidade.

Silva (2006) relata que, nos estudos acadêmicos, livros, leitores e bibliotecas são temas de pesquisas instigantes entretanto, alguns muitas vezes são enfadonhos porque são apenas estudos censitários, bibliométricos e inventariantes, giram em torno de si mesmos, por meio de estatísticas sem densidade de análise e que pouco contribuem para a compreensão dos fenômenos que transitam por meio do livro. A autora revela que a partir das décadas de 1980-90, entretanto, ocorrem mudanças importantes nas abordagens e pesquisas sobre livros, leitura e bibliotecas, pois, o caráter quantitativo de pesquisas anteriores cede lugar a olhares mais delicados e qualitativos que passam a refletir essas questões por outros prismas. A autora aponta que foram fundamentais para essa mudança de foco os trabalhos de autores como Roger Chartier (1994, 1998, 2002) e Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1991, 1996, 2002), dentre outros que contribuíram – e ainda contribuem – para saltos qualitativos das disciplinas relativas ao livro.

Para a presente pesquisa utilizou-se uma abordagem histórica da leitura e do livro a partir dos estudos de Roger Chartier, trazendo à materialidade o que ele chama de “prática cultural” e assim a explica:

[...] tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social e construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. (CHARTIER, 1990, p. 16)

Tais práticas serão apresentadas de acordo com a forma que a leitura era representada nas pinturas e percebida pela sociedade em determinado contexto histórico. No decorrer do texto serão discutidas possíveis respostas para as questões motivadoras da pesquisa.

Além de embasar-se, sobretudo, nos estudos de Roger Chartier (1990,1991, 1994,1996, 1998, 2010) a presente pesquisa realizou-se aos moldes das pesquisas de Márcia Abreu (2001) e de Ana Catarina da Silva Graça (2015).

Esse trabalho está estruturado em cinco partes, iniciando-se por essa introdução que apresenta a temática que abordada, o problema da pesquisa, justificativa e objetivos. Na segunda parte, seguimos com a fundamentação teórica onde destacamos a história, conceituação e evolução do livro enquanto suporte da escrita e símbolo do conhecimento, destacando as mudanças em seu suporte e salientando seu valor material e cultural. Nesse ponto também são expostas as práticas de leitura e as formas de interação e apropriação da leitura pelas diversas classes sociais.

Na terceira parte são descritos o tipo de pesquisa e de abordagem; as fases da pesquisa, relatando a bibliografia utilizada e os temas discutidos; as fontes utilizadas para a coleta dos dados e os procedimentos adotados para a análise dos resultados obtidos.

Na quarta parte é feita a análise das imagens selecionadas, demonstrando as representações do livro na pintura e como as imagens do livro evocam as práticas de leitura. Nessa parte, separamos por categorias de práticas de leitura, que incluem a leitura silenciosa/solitária, leitura em voz alta e leitura acompanhada. Por fim, são apresentadas as considerações finais, nas quais realizaremos uma análise geral do presente estudo, os resultados obtidos e as conclusões alcançadas, em seguida as referências bibliográficas das obras que foram utilizadas para o desenvolvimento dessa pesquisa.

2 SOBRE LIVROS E PINTURA

Registrar a memória a fim de perpetuar a história. Essa era a função principal do livro. “O livro, do latim *liber*, é o símbolo do conhecimento, sabedoria, ciência, erudição, da inspiração poética ou da filosofia, e que desempenha um papel fulcral na iconografia ocidental e na cultura artística.” (GRAÇA, 2014, p. 40). Esse conceito é muito mais abrangente que sua limitação geográfica, pois sabemos que o livro, em qualquer contexto que esteja inserido, é capaz de trazer à luz o conhecimento e ser ferramenta disseminadora de informação.

Nascimento, Pinto e Vale (2013, p. 3-4) enaltecem a leitura e a imagem do livro e discorrem sobre sua importância, evidenciando que

A leitura traz conhecimento, mostra caminhos, ensina, ajuda a interpretação de mundo. Desde a antiguidade o livro é sinônimo de poder, de autoridade. Sem leitura o homem se torna submisso e fraco, ignorante. E desde os primórdios foi assim e o é até hoje. Como símbolo do aprendizado, as revoluções atacavam primeiro as bibliotecas. Milhares de livros foram destruídos em guerras e revoltas tentando impedir o avanço intelectual dos povos dominados. A barreira da leitura, do decifrar letras foi e ainda é um símbolo de poder.

Antes da escrita como forma de preservar a memória de uma comunidade, a oralidade era a ferramenta para difusão da história. Porém, “[...] o ser humano descobriu que não bastava a memória para armazenar e passar sua cultura para seus descendentes, pois na oralidade fatos podem ser alterados” (NASCIMENTO; PINTO; VALE, 2013, p.1).

O surgimento de algo que representasse o cotidiano e o conhecimento de forma material iniciou-se através das pinturas rupestres nas paredes das cavernas. Dessa forma, “[...] o homem criou formas de se expressar e a arte foi, sem dúvida, a primeira delas, vindo inclusive antes da linguagem escrita, como se conhece atualmente” (JUSTAMAND, 2014, p. 120).

Para Justamand (2014), essas pinturas, em sua maioria eram representações de tradições e uma forma de preservar a identidade e a memória de determinado grupo, caracterizando-se assim, uma rica fonte de informação para futuras gerações. A representação dessa comunicação nas paredes das cavernas, fez com que perpetuasse práticas e valores, que poderiam ser perdidos se essas informações não fossem registradas. Logo, nesse contexto, podemos dizer que o ato humano de produzir, armazenar e disseminar a informação é uma forma de

preservação do conhecimento. No entendimento de Azevedo Netto (2007), a informação quando carregada de significado é vista como um artefato, produção humana, materialização de uma cultura.

No que diz respeito aos vários suportes utilizados e relacionados com o aspecto cultural de cada época, fica evidenciado nesse sentido a evolução pela qual as civilizações passaram.

Os sumérios guardavam suas informações em tijolos de barro. Os romanos escreviam em tábuas de madeira cobertas com cera. Os indianos faziam seus livros em folhas de palmeiras. Os maias e os astecas escreviam os livros em um material macio existente entre a casca das árvores e a madeira. No oriente, o livro era formado de tábuas de madeira ou de bambu atravessadas, reunidas por uma fivela. (PAULINO, 2009, p.2)

É importante salientar, no entanto, que essa variação cultural dos suportes da escrita, contribuíram para o formato do livro que hoje conhecemos. Roger Chartier em seu livro “A aventura do livro: do leitor ao navegador” (CHARTIER, 1999) descreve a história do livro enfatizando os diversos atores que contribuíram para esse processo e a sua representação ao longo dos tempos.

Igualmente, Bezerra (2006, p.385), de forma sucinta, narra a sequência pela qual esses suportes passaram.

Diversos tipos de material foram utilizados para a escrita no mundo antigo: tábuas de argila, pedra, osso, madeira, couro, metais diversos, fragmentos de cerâmica (ostraca), papiro e pergaminho. No entanto, de todos esses materiais, os mais eficazes para a feitura de documentos que pudessem ser manuseados e transportados até o leitor/ouvinte foram, num primeiro momento, as tábuas de argila e depois o papiro e o pergaminho.

Das tábuas de argila passou-se mais tarde para os rolos feitos de papiros ou pergaminhos. Esses rolos, devido ao seu formato, tornavam a leitura e o estudo exaustivos, pois era necessário usar as duas mãos para manuseá-los, ou seja, não era possível ler e ao mesmo tempo fazer alguma anotação. Com isso, veio a necessidade de um suporte mais prático, foi então que se deu “[...] a substituição do volume pelo códice, do livro em forma de rolo, nos primeiros séculos da era cristã, pelo livro composto de cadernos juntados.” (CHARTIER, 1994, p.190)

Sobre esse novo formato, Machado (1994, p. 204) relata que, “[...] o códice foi um formato característico de manuscrito em que o pergaminho era retalhado em folhas soltas, reunidas por sua vez em cadernos costurados ou colados em um dos lados e muito comumente encapados com algum material mais duro.” Esse modelo

está fixado até hoje e não conhecemos outra forma de livro físico que não siga esse modelo.

Chartier (1994), descreve essa primeira mudança do suporte da escrita como uma revolução, pois a transição do rolo para o códice permitiu independência para o leitor, trazendo liberdade expandindo suas formas de uso. Chartier (1994) propõe ainda um questionamento de como as formas de escrita devem ser evidenciadas sobre os modos de leitura, uma vez que o trabalho intelectual é maior no primeiro. Todavia é pertinente salientar que as práticas leitoras acompanharam essa transição, que exigiam modos distintos de leitura de acordo com o suporte da escrita.

Essas mutações comandam, inevitável e imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com o escrito, novas técnicas intelectuais. Se as precedentes revoluções da leitura ocorreram em épocas nas quais as estruturas fundamentais do livro não mudavam, não é o que se dá no nosso mundo contemporâneo. A revolução iniciada é antes de tudo, uma revolução dos suportes e das formas que transmitem o escrito. (CHARTIER, 1994, p. 190)

Contudo, essas mudanças de formatos cessaram devido à padronização do livro no início da utilização da imprensa tipográfica. Johannes Gutenberg foi o precursor desse novo modelo de se materializar o texto escrito, inventando a prensa de tipos móveis. O primeiro livro impresso por Gutenberg foi a Bíblia, todavia, a igreja nessa época paulatinamente perdia seu domínio, isso porque outros livros também foram impressos em grandes quantidades, fazendo com que as pessoas pudessem escolher o que iriam ler. Livros sobre ciência, astronomia, política e romances eram impressos, e, com esse número de obras aumentando, incentivava o interesse pela leitura, fazendo com que o conhecimento fosse difundido também para as classes menos favorecidas.

Frossard (2004, p. 1) ao analisar esse novo paradigma, atenta para as vantagens que essa nova era permitiu,

A impressão tipográfica mudou a “cara” do livro e sobretudo a relação do homem com o conhecimento: permitiu que o conhecimento se popularizasse, incentivou a criação de bibliotecas públicas, afrouxou o papel da igreja como “guardiã” exclusiva do conhecimento, ofereceu ao autor um novo *status* e, praticamente, criou a figura do leitor, enfim foi o *abre-alas* para o renascimento das artes e da ciência. (FROSSARD, 2004, p. 1)

Ao discorrer sobre essa temática, Machado (1994, p. 204) observa que, “[...] a ampla difusão a preços baixos foi a principal responsável pelo sucesso da imprensa

como forma de circulação de ideias a partir do Renascimento.” Isso possibilitou uma mudança social, tanto no pensamento, quanto nos modos e hábitos dos indivíduos, permitindo um relacionamento mais íntimo entre leitor/livro.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Ribeiro, Chagas e Pinto (2007, p. 30) acrescentam que,

O barateamento dos livros e a liberdade de acesso aos inscritos e à informação, juntamente com outras revoluções artísticas do Renascimento, contribuíram de maneira considerável para a transição de pensamento teocêntrico passando para um modelo antropocêntrico de pensar.

Esse novo cenário configura-se como a Era Moderna, período em que a democratização da informação passou a ser realidade. A sociedade dessa época pôde adquirir aquilo que conheciam apenas por imagens, e ainda mais, tinha opção de escolher o que iriam ler.

As mudanças culturais que se seguiram e a aproximação da sociedade com os livros fez com que sua representação ficasse ainda mais constante. Nesse período “[...] os burgueses já começavam a formar suas próprias bibliotecas. A forma diminuta do livro impresso criou um novo hábito de leitura, a leitura silenciosa.” (FROSSARD, 2014, p. 3).

Segundo Ribeiro, Chagas e Pinto (2007), o número de livros impressos foi tão expansivo que em algumas casas havia, o que se chamava de biblioteca mínima. Essas pequenas coleções eram formadas através dos livros adquiridos por livreiros; estes que por sua vez, eram encarregados de publicar e vender os livros nesse período.

Sobre esse tipo de atividade, Chartier (1998, p. 53) expõe os atributos dos livreiros, descrevendo que, “[...] ele vende, além dos livros que ele mesmo edita, aqueles que obtêm por uma troca com seus colegas: ele lhes envia, em folhas não encadernadas, livros que editou e, em troca, recebe os livros dos outros.” Porém, possuir uma biblioteca privada não era um privilégio de todos. Havia ainda regiões em que a presença do livro como objeto de estudo e lazer só era possível através das bibliotecas públicas.

Com todo esse longo caminho percorrido, “[...] o livro impresso se multiplicou e chegou até o nosso século. Apesar desse tão longo percurso onde livros e bibliotecas foram incendiados, roubados, depredados, o conhecimento sobrevive.” (NASCIMENTO; PINTO; VALE, 2013, p. 6)

Até o manuscrito evoluir e chegar ao livro impresso foi uma grande revolução. Mas o advento das tecnologias de informação e comunicação mudaram completamente as formas de escrita e leitura da palavra. A partir da inserção dos computadores e da rede de internet em nossa realidade, o acesso à informação se tornou mais ágil e diversificado. Nesse novo suporte, “[...] o objeto não é mais organizado em páginas, mas sim na tela do computador e o texto passa a ser eletrônico.” (FACHINETTO, 2005, p. 6),

Chartier (1994) já citava essas mutações dos suportes informacionais, citando as tecnologias de informação, enfatizando que a leitura em tela requer novas formas de interação com o texto. Sobre essa evolução, ele explica que com “[...] o monitor, que vem substituir o códice, a mudança é mais radical, posto que são os modos de organização, de estruturação, de consulta do suporte do escrito que se acham modificados.” (CHARTIER, 1994, p. 187).

Nessa conjuntura, Soares (2002) resume que o contexto e a relação de todos os envolvidos nos processos de escrita e leitura são mudados com esse novo suporte, a tela fez com que o conhecimento ficasse mais próximo do ser humano.

Toda essa explosão informacional se reflete atualmente, é certo que com o avanço das tecnologias de informação e comunicação o volume informacional multiplicou exponencialmente. Levando em consideração que nos encontramos na sociedade da informação, temos a cada dia milhares de novas informações circulando de forma imensurável nas redes, isso reflete essa nova era e que é “[...] da própria natureza dos elementos estruturais da sociedade da informação, sobretudo pelo avanço extraordinário da convergência tecnológica entre informática, comunicações e eletrônica [...]” (MIRANDA, 2000, p. 80).

No entanto, Assmann (2000) leva em consideração que seria mais produtivo se a sociedade atual fosse uma sociedade aprendente. O autor expõe o texto e nos alerta para que saibamos avaliar de forma crítica as informações que nos são apresentadas diariamente. As transformações constantes da sociedade da informação nos induzem, a cada dia mais, a nos adaptarmos a esse paradigma.

Essas metamorfoses pelas quais passam os suportes, e as formas de escrita e leitura, influenciam no nosso modo de aprendizagem. A evolução dos suportes da leitura e, também, das práticas dos leitores é descrita abundantemente na literatura (BEZERRA, 2006; CHARTIER, 1990, 1991, 1994, 1998, 2010; DINIZ,

2016; FACHINETTO, 2005; FROSSARD, 2014; MACHADO, 1994; MIRANDA, 2000; NASCIMENTO; PINTO; VALE, 2013; SILVA, 2019)

2.1 PRÁTICAS DE LEITURA

Com a finalidade de discorrer sobre a leitura e suas práticas representativas, discorreremos, primeiramente, sobre os tipos de escrita, suas formas de representação, identidade social e espaço-tempo. A temporalidade, codificação e tradução da escrita é um tema discutido por Chartier (1996) em seu livro sobre as práticas da leitura, onde o autor afirma que, a análise da palavra envolve fatores diversos que refletem o ato de ler e escrever.

Nesse contexto, o autor sugere que a escrita/leitura da palavra nunca é estável, ou seja, está sempre em mutação. Os elementos que compõem esse processo incluem hábitos que interferem nas práticas leitoras, pois sentidos e movimentos do corpo estão presentes nesse momento, e juntamente com o suporte da escrita, que ao passar do tempo adquiriu vários formatos, desenvolveram-se e tornaram-se cada vez mais representativos.

Esse suporte reflete essas práticas também a partir dos traços de leitura; a utilização de marcadores nas páginas e trechos sublinhados, por exemplo, deixam nossos hábitos evidentes, constituindo um diálogo mais visível entre leitor e texto. Goulart (2011, p. 4) afirma que esse vínculo “[...] está ligado à ideia de que cada livro é único, de que ele pode carregar marcas deixadas pelo seu dono/leitor, sugerindo uma cumplicidade reveladora, indícios de uma leitura dominada e possuída.”

Desse modo, um texto não pode ser lido apenas de uma forma, visto que os suportes da leitura permitem uma variabilidade de seu uso. Para armazenamento de informações ou ostentação social, o suporte livro, é visto sob muitas perspectivas. No suporte eletrônico a interação é ainda maior, pois há a possibilidade de se fazer *links* de vários textos. Dumond (2001), ao escrever sobre a subjetividade e contexto social do escrito, afirma que “[...] o texto torna-se polissêmico ao 'dialogar' com as esferas social e literária em que se insere, permitindo várias leituras.”

Entre os séculos XVI a XVIII, era comum possuir bibliotecas particulares, possuir vários livros, mesmo que fossem apenas para servir de ornamento, era tido como algo de valor cultural e intelectual. Uma vez que esse livro fosse lido e dele

apreendido algum significado, seu valor estaria atribuído ao seu conteúdo, e não unicamente ao ato de posse. Relacionado a esse contexto, Dumond (2001, p. 44) afirma que “[...] a compreensão de um texto, a ser efetivada pela leitura crítica, enreda-se na percepção das relações entre o texto e o contexto.” Isso torna a leitura dependente da assimilação do leitor, pois a apreensão do conteúdo é algo individual e está ligada à sua forma de interação com o meio.

Assim, o leitor será capaz de fazer uma interpretação global da escrita, que será finalmente percebida como algo que vai ao encontro de seu interesse, de sua vivência ou pelo contrário, não lhe desperta a atenção. (DUMOND, 2001, p. 44)

Altieri (2010), analisando as principais obras de Chartier sobre a história da leitura, dá ênfase a duas teses que ele considera principais, sendo a primeira ligada à apropriação da leitura, que, de acordo com as práticas utilizadas, envolvem o contexto histórico social, o ato de apropriar-se do texto escrito e sua compreensão. A segunda corresponde à leitura digital e ao texto eletrônico visto como uma revolução que muda as formas de relação com o escrito.

Diante disso, Alencar (2014), aponta que as práticas de leitura que fazem uso das tecnologias de informação devem atingir a todos sem distinção. A autora destaca a classe trabalhadora, enfatizando que a inclusão digital também diz respeito à inclusão social, uma vez que ainda há uma parcela da população que é, nos termos de acesso e apropriação da informação, excluída desse contexto.

Defendemos uma concepção de inclusão digital que possibilite o uso crítico das TIC, tendo em vista o potencial que tais tecnologias oferecem ao se apresentarem como uma estratégia global capaz de mobilizar grandes massas da classe trabalhadora, podendo se constituir como um instrumento de luta [...] (ALENCAR, 2014, p. 15)

O uso da informação no meio digital possibilitou um alcance maior “[...] é nesse sentido que a leitura tem papel preponderante para a aquisição das condições de se fazer uso crítico das TIC, possibilitando a apropriação autônoma das mesmas.” (ALENCAR, 2014, p. 15)

Graça (2014) defende que as práticas de leitura variam de acordo com o suporte, a autora relata o processo pelo qual a estrutura física do livro passou e como isso ocasionou as mudanças nas maneiras de ler. Quanto ao conteúdo, o livro também se modificou, pois antes tinha a função apenas de armazenar a oralidade a fim de conservá-la, mais tarde passou então para ser objeto de estudo. A autora

também faz menção às práticas de leitura no âmbito digital, enfatizando as variedades de opções nas formas de ler, pois nesse caso, existe a possibilidade de formatação do texto, aumento de tela, dentre outros.

Para Mineiro, Bemfica e Cardoso (2010, p. 155),

A leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos de sorte que disposições específicas distinguem as comunidades de leitores e as tradições de leituras. Dentre as várias séries de contrastes reconhecidas, a principal refere-se às competências de leitura. Além da simples clivagem entre alfabetizados e analfabetos, diferentes normas e convenções de leitura definem, para cada comunidade de leitores, os usos legítimos do livro, as maneiras de ler, os instrumentos e procedimentos da interpretação.

Soares (2002), aponta as práticas de leitura a partir de conceitos de autores que a definem como letramento, que é a junção da escrita e da leitura como prática social.

[...] é o pressuposto de que indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da escrita e, portanto têm as habilidades e atitudes necessárias para uma participação ativa e competente em situações em que práticas de leitura e/ou de escrita têm uma função essencial, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado estado ou condição de inserção em uma sociedade letrada. (SOARES, 2002, p. 145)

Ainda segundo a autora, há uma análise do letramento atribuído à alfabetização, ou seja, uma pessoa letrada, possui práticas de escrita e leitura que a tornam no contexto da sociedade a qual fazemos parte, capaz de interagir com os textos de forma crítica.

Para nós, as práticas de leitura dizem respeito às formas que o indivíduo se relaciona com o escrito. Dessa forma, apropriar-se de uma representação subjetiva de forma material vai além de uma simples leitura ou abstração de conteúdo, ela reflete um estilo de vida e indica a cultura a qual o indivíduo pertence.

Sabemos que os caminhos que são traçados para se chegar à significância do texto, se inicia por aquele que escreve, mas, o texto, sem a presença do leitor, não passa de um objeto armazenador de informações. Quando escreve, o autor pode pretender atingir determinada classe de leitores, porém não pode determinar o alcance que a leitura terá. Chartier (1991, p. 179) analisa diferentes tipos de leitores e sugere que,

De tais determinações, que regulam as práticas, dependem as maneiras pelas quais os textos podem ser lidos, e lidos diferentemente pelos leitores que não dispõem dos mesmos utensílios intelectuais e que não entretêm uma mesma relação como escrito.

Ainda segundo Chartier, (1991, p. 178) “[...] é preciso considerar também que a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos.” E reforça esse pensamento em relatar em outra obra que “[...] a leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros” (CHARTIER, 1994, p.16).

Nessa mesma direção, Graça (2015), ao estudar a representação do livro na pintura, percebe que “[...] para conseguir interpretar a respectiva mensagem, procura o significado intrínseco dos elementos da obra de arte através das conjunturas sociais e culturais, como ainda pelos valores religiosos, simbólicos, e filosóficos da época em apreço” (GRAÇA, 2015, p. 20).

Isso nos induz ao pensamento que a relação leitor/texto também se refere ao contexto sociocultural. Assim, entende-se que a pintura pode apresentar modos de ler de leitores distintos, o manuseio e armazenamento dos diversos suportes pelos quais o livro passou e o contexto no qual ele está inserido.

Ao demonstrar o aumento das publicações do texto impresso, Chartier (1991), relata que a sociedade se desenvolveu e adquiriu novas formas de se relacionar, pois o acesso aos livros permitiu o aumento do conhecimento a todas as classes, gerando mudanças no seu comportamento.

É verdade que o texto percorreu longos caminhos, e podemos afirmar que da leitura feita no texto escrito materializado no livro à leitura feita utilizando tecnologias digitais, percebe-se claramente o quão facilitador da leitura se tornou a segunda, se fomos imaginar uma sociedade dentro da inclusão digital. Soares (2002, p. 151) analisa esses suportes chamando-os de espaços da escrita, ele enfatiza o uso das tecnologias afirmando que “[...] em síntese, a tela, como novo espaço de escrita, traz significativas mudanças nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto [...]”. Resumindo, tudo é um ato de apropriação, independente do suporte, as práticas de escrita e de leitura representam a nossa capacidade de relação com o texto ao mesmo tempo que refletem nossos hábitos para com essa prática.

2.2 O LIVRO E A PINTURA: REPRESENTAÇÕES

O livro, é um “[...] dos objectos mais representados na arte, seja qual for o seu suporte, em todos os períodos da História da Arte [...]” (GRAÇA, 2015, p. 20). Por assim ser, o livro ocupou nos retratos e nas pinturas religiosas, espaço incontestável, devido a seu valor material, sagrado e intelectual.

Goulart (2014, p. 6), em seu artigo que versa sobre a materialidade do livro, o expõe “[...] como um objeto possuidor de algo que ultrapassa seus escritos; algo que pode ser identificado ora pelos sentidos que lhe são atribuídos ora pelas representações de uma prática leitora, própria de um tempo [...]”

Para Paulino (2009), “[...] o livro é visto, tradicionalmente, como um objeto de estudo. Contudo, além de objeto catalisador, fornecedor de informações, conhecimentos, criador de aprendizagem e cultura, ele pode ser considerado um objeto de arte.”

O livro é acima de tudo um universo, que contém além de textos, simbologias e representações e é capaz de eternizar memórias, fatos e subjetividades através da palavra escrita.

Ao observarmos o uso do livro nas pinturas, nos deparamos com suas diversas funcionalidades, seja aberto ou fechado, ele nos mostra qual o seu significado dentro do contexto ao qual está representado.

Nas pinturas religiosas, ele vem carregado de simbolismos que remetem ao sagrado, muito comum no período medieval. Gombrich (2011) escrevendo sobre a história da arte, relata as figuras expressadas nas obras, que não necessariamente eram fiéis com a realidade, mas de forma singular, pretendiam demonstrar sentimentos que pudessem ser percebidos na pintura.

Não se pode fazer justiça a qualquer obra de arte medieval sem ter em mente esse propósito. Pois esses artistas não se propunham criar uma semelhança convincente com a natureza ou fazer belas coisas: eles queriam transmitir a seus irmãos de fé o conteúdo e a mensagem da história sagrada. (GOMBRICH, 2011, p. 165)

Como as pinturas que prevaleciam nesse período eram as religiosas, havia sempre a presença de um texto sagrado, representado pela bíblia aberta nas mãos dos santos, ou ela fechada nas mãos de Cristo, ou ainda sendo produzida por monges copistas. Esses exemplos podem ser comprovados ao serem observados as igrejas e mosteiros europeus, que possuem em seu interior essas

representações, em forma de afrescos e ainda nos vitrais. Em sua maioria, essas imagens serviam para ensinar aos fiéis que não dispunham de conhecimentos, os textos sagrados.

Mas diante desse cenário, não podemos nos abster de mencionar que a pintura nessa época também serviu aos reis com propósitos não religiosos. Gombrich (2011, p. 167) ao analisar as principais obras da Idade Média, afirma que

Não devemos imaginar, porém, que toda arte nesse período existiu exclusivamente para servir a ideias religiosas. Na Idade Média não foram construídas apenas igrejas, mas também castelos, e os barões e senhores feudais a quem os castelos pertenciam empregavam, ocasionalmente, artistas. A razão pelo qual somos propensos a esquecer essas obras quando falamos da arte dos primórdios da Idade Média é muito simples: os castelos acabavam frequentemente destruídos, ao passo que as igrejas eram poupadas.

Nessa época, os livros ficavam sob a guarda dos monges, nas bibliotecas dos mosteiros e conventos, e estas por sua vez, serviam apenas como depósitos, pois seu acesso não era liberado para leitura. Como a sociedade desse contexto não tinha acesso à educação, apenas os mais ricos possuíam esse privilégio, aprendiam as escrituras a partir das pinturas expostas pela igreja.

A imagem da Bíblia, recorrente nessas pinturas, traduziam aos frequentadores da igreja o sentimento de devoção. Não era possível ter acesso aos textos, mas as imagens eram descritas em formas de narração, trazendo os ensinamentos da igreja, fazendo com que até os mais leigos pudessem compreender de que se tratava aquelas representações.

Se olharmos para os diversos fatores que fizeram com que o livro fosse o objeto símbolo das representações nas pinturas, iremos perceber que isso refletiu nos vários âmbitos da sociedade. Podemos dizer que o contato com essas imagens, despertava o desejo pela leitura, pois seria essa uma nova forma de obter conhecimento sem nenhuma intervenção da igreja ou do Estado.

Sobre a reprodução dos livros nesse período, Graça (2015, p. 26) relata que “[...] o livro era um objecto raro e caro [...]” fazendo com que seu uso fosse restrito a igreja.

Somente a partir da utilização dos tipos móveis de Gutenberg que a reprodução do livro pôde atingir um maior número de pessoas. A partir desse fenômeno, a leitura tornou-se, podemos dizer, popular. Uma vez que, como a reprodução do livro aumentou de forma significativa, os leitores tinham acesso a

vários tipos de obras, de diferentes temáticas. A censura nessa época existia de fato, por isso, devemos excluir desse conjunto de livros que poderiam ser lidos, àqueles a qual a Igreja e o Estado impunham restrições.

De toda forma, a representação do livro nesse período e no período posterior evidenciou mudanças que podem ser notadas nas pinturas. As pessoas que iriam ser retratadas, queriam que fossem pintadas com a posse dos livros. Nobres e autoridades principalmente, exibiam não apenas um exemplar do livro em seus retratos, mas ao analisarmos, podemos ver que ao fundo desses retratos existia sempre uma biblioteca com livros de capas luxuosas como forma de exibição de intelecto e sabedoria. Sobre a presença dos livros nessas pinturas, Chartier (1998, p. 84), menciona que, “[...] pela representação do livro, o poder funda-se sobre uma referência ao saber.” Isto quer dizer que, quanto mais volumosa a coleção e mais pomposa parecesse, indicaria um estado maior de conhecimento e sabedoria.

Graça (2015, p. 252), ao concluir sua análise da representação do livro na pintura, comenta que “[...] o livro, para além de ser um objecto de luxo, é também um elemento destinado ao uso e, de acordo com a personagem retratada na pintura, as suas características também se alteram.”

É pertinente destacar as diferentes posturas e modos dos leitores em determinados ambientes e situações.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo aborda os procedimentos metodológicos que foram utilizados para a realização dessa pesquisa. São descritos o tipo de pesquisa e de abordagem; as fases da pesquisa, relatando a bibliografia utilizada e os temas discutidos; as fontes utilizadas para a coleta dos dados e os procedimentos adotados para a análise dos resultados obtidos.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Pesquisar é um processo contínuo de investigação e averiguação que, de forma metódica tem o propósito de resolver um problema. Gil (1999, p. 26), conceitua pesquisa como “[...] o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico.” De natureza descritiva e exploratória, essa pesquisa se caracteriza pela presença do estudo dos diversos grupos de práticas de leitura e de leitores.

Segundo Gil (2008, p. 28),

As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados.

Nesse modelo de pesquisa são levantadas questões inerentes ao tema de forma a especificar o problema, apresentando possíveis resultados.

Sobre a pesquisa exploratória, Gil (2008) a apresenta como uma pesquisa de fácil planejamento e relata a presença de levantamento bibliográfico e documental. De acordo com Córdova e Silveira (2009, p. 35), “[...] este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipótese.”

Para esse modelo de pesquisa, utilizamos a abordagem qualitativa, pois o tema exige uma análise a ser efetivada pela presença de dados que devem ser compreendidos de modo empírico, sem a utilização de estatísticas. Segundo Goldenberg (2004, p. 48), “[...] os dados da pesquisa qualitativa objetivam uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social.”

Na abordagem qualitativa como não há uma padronização na coleta dos dados, o pesquisador precisa estar atento na hora da análise para não utilizar de suas próprias convicções e interferir nos resultados.

3.2 FASES DA PESQUISA

A pesquisa se constituiu em duas fases: no primeiro momento realizou-se um levantamento bibliográfico para compor a revisão da literatura e efetivou-se a coleta de imagens das pinturas selecionadas. No levantamento utilizamos documentos emanados de eventos, artigos em formatos impresso e eletrônico, etc. sobre a temática abordada na pesquisa, especialmente sobre livro e leitura.

A partir da literatura sobre as representações do livro na pintura e as práticas de leitura que evocam, especificamente a obra de Chartier, realizamos um recorte das diferentes práticas de leitura e pesquisamos imagens que representassem essas práticas.

Gil (2008, p. 50), ao escrever sobre a pesquisa nas ciências sociais, conceitua esse tipo de levantamento, descrevendo que “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.”

Como já citado anteriormente, utilizaram-se livros e artigos do autor francês Roger Chartier e de outros como aporte teórico à pesquisa, na temática da história do livro e das práticas de leitura. Ao pesquisar especificamente o tema da representação do livro na pintura, recuperou-se apenas uma dissertação proveniente da Universidade de Lisboa, Portugal, da autora Graça (2015). Na obra, foram citadas imagens em que o livro foi mais representado na pintura portuguesa na época do renascimento.

3.3 COLETA DE DADOS

As imagens utilizadas para análise, foram colhidas na internet. Assim que essa pesquisa se iniciou, no mês de novembro de 2018, realizou-se um

levantamento sobre o tipo de imagem que seria utilizado para elaboração desse trabalho, com o propósito de correlacionar as práticas de leitura com pinturas com que seriam utilizadas.

Observamos, também, na literatura revisada, imagens em que o livro estava representado e que pudesse também agregar a este trabalho.

Como as imagens foram utilizadas no último capítulo desta monografia, elas foram coletadas até o período de abril de 2019, a fim de tornar completa a análise.

3.4 *CORPUS* DA PESQUISA

O *corpus* da pesquisa abrange 11 imagens (Figuras 1 a 11) que correspondem a pinturas de artistas de diversos períodos históricos e movimentos artísticos. O critério para a escolha das imagens pautou-se em pinturas que representassem o livro de forma a possibilitar fazer uma correlação das imagens do livro com as diferentes práticas de leitura apontadas por Chartier em seu livro “A aventura do livro: do leitor ao navegador” (CHARTIER, 1999).

Essa junção de referencial teórico e dados que constitui essa pesquisa foi indispensável para a construção do *corpus* deste trabalho. De acordo com Bauer e Gaskell (2008, p. 51) “[...] um *corpus* deve incluir um suficiente espectro de texto dentro da população alvo, onde está é compreendida como significando uma seleção de materiais textuais demarcadas, isto é, rigidamente definida, a partir de diferentes contextos.”

3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Após a coleta das imagens realizou-se a seleção das obras, correlacionando-as às práticas de leitura e efetuando a análise a partir da literatura.

Adotamos como técnica de análise a observação. Conforme Gil (2008, p. 100)

A observação constitui elemento fundamental para a pesquisa. Desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel

imprescindível no processo de pesquisa. É, todavia, na fase de coleta de dados que o seu papel se torna mais evidente.

Nesse caso, observou-se, primeiramente, o período histórico-social da pintura, e o que, nesse contexto, o texto escrito representava para a sociedade. Observaram-se, também, as classes sociais das personagens retratadas nas obras que detinham a posse do livro e como era o suporte deste livro. E, por fim, fazíamos uma correlação com a literatura.

A análise abrangeu as posturas e os gestos no momento da leitura e o movimento artístico da época, como também questões referentes ao gênero do indivíduo que está representado na obra.

Para o estudo dessas imagens, observou-se, também, a razão pela qual o livro foi escolhido para estar presente na pintura de retratos. Nesse caso, averiguamos se o livro estava sendo usado como objeto de estudo ou de lazer, se traduzia uma leitura prazerosa ou se estava incluso em uma prática de leitura centrada nas ciências.

Também, para a realização da análise, utilizamos a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2010). Construímos categorias de análise para demonstrar as práticas de leitura, tais como: leitura silenciosa/solitária, leitura em voz alta e leitura acompanhada.

4 LIVRO E LEITURA: representações na pintura e práticas leitoras evocadas

As práticas de leitura percebidas através da exposição de pinturas, nos remetem às mais clássicas e primárias formas de ler. São vistos modos, posturas, gestos e diversos fatores que, através da representação da pintura que permanecem até os dias de hoje, nos indicando as preferências e o comportamento em relação à leitura, retratados pelos pintores de uma determinada época. Pode-se ver a figura do “[...] leitor que lê andando, que lê na cama, enquanto, ao menos na iconografia conhecida, os leitores anteriores ao século XVIII liam no interior de um gabinete, de um espaço retirado e privado, sentados e imóveis.” (CHARTIER, 1998, p. 78)

Ao analisarmos pinturas de determinado contexto social, nos damos conta de particularidades referentes àquela cultura, e notamos práticas semelhantes entre esses leitores. Sobre esses aspectos, Graça (2015, p. 44) observa que;

Se a pintura religiosa é feita através dos movimentos do corpo, como traduções pictóricas dos estados de alma, particularidade realçada durante o Maneirismo, a pintura de retrato encontra um silêncio do corpo, onde os movimentos são mínimos e praticamente inexistentes. No entanto, este silêncio, à luz dos códigos da leitura da época, revelam uma “alma” poderosa, controlada e segura.

Levando em consideração as diferentes classes sociais, selecionaram-se algumas pinturas que representam a imagem do livro como objeto e as práticas de leitura que indicam os modos de interação com o texto escrito.

4.1 LEITURA SILENCIOSA/SOLITÁRIA

Os leitores, em suas diversas categorias, podem ser classificados como aquele que lê em silêncio, caracterizado por uma prática de **leitura silenciosa**, que, mesmo sendo feita em um local público, constitui uma relação mais íntima entre leitor e livro. Há um vínculo, que nesse caso, torna essa ação com maior absorção que a leitura em voz alta.

Conforme Abreu (2019),

Até há alguns anos atrás não se imaginava que as formas de ler pudessem ter se alterado desde que o homem inventou maneiras de registrar conteúdos por escrito e formas de decifrá-los. Imaginava-se que a leitura

sempre se fizera como supomos que ela hoje se faz, em silêncio e solitariamente, de modo a favorecer a concentração e o recolhimento.

Esse tipo de leitura, muito caracterizada na pintura, reflete esses novos modos de relacionamento com a palavra escrita, pois se antes da revolução do livro impresso, a leitura predominante era em voz alta, praticada mais comumente pela igreja, a leitura de textos de forma reservada e solitária em bibliotecas particulares ficou sendo uma escolha representativa do intelecto e da sabedoria dessa nova sociedade.

A leitura silenciosa torna-se uma prática de elevação cultural, rompendo a oralidade e dando mais autonomia ao leitor.

Ainda que o leitor oral precise atentar para a forma correta de pronunciar as palavras, se o timbre da voz está adequado para o ambiente, se o tema é de interesse de todos, dentre outros quesitos, a leitura de forma silenciosa está imersa em um isolamento que de forma reflexiva apreende a atenção do leitor, como pode ser observado na Figura 1

Figura 1 - The bibliophile, Johann Hamza, 1880.



Fonte: Private Collection.

. Nessa obra, podemos verificar uma leitura feita no interior de um gabinete, com uma vasta coleção de livros, formando uma biblioteca privada, induzindo a ideia de uma leitura confortável, concentrada e que abarca diversas áreas do conhecimento.

A pintura da figura masculina diferenciava-se da feminina, ao representar o homem leitor, procurava-se fazê-lo de forma em que o mesmo fosse engrandecido pela sua capacidade intelectual, por isso não é raro encontrar pinturas de homens do século XIX, quando de posse do livro, estudando e analisando acerca do seu conteúdo de forma até exibicionista. As Figuras 2 e 3 ilustram nossa afirmação.

Figura 2 - Portrait of Doctor Alphonse Leroy, Jacques-Louis David, 1783.



Fonte: Musée Fabre in Montpellier.

Essas obras revelam o homem como detentor da sabedoria, simboliza uma prática de leitura inteiramente voltada para o estudo, podemos classificá-la também como uma leitura instrutiva. O livro nesse contexto não está presente na pintura em

vão, mas representando o conhecimento de forma material, indicando a classe social e o nível de instrução do indivíduo.

Figura 3 - Reader in library, Alois Heinrich Priechenfried, 1867.



Fonte: Private Collection.

A Figura 4, obra de Auguste Toulmouche, conhecido por retratar a alta sociedade, se enquadra no estilo realista acadêmico, datada do ano de 1872. Apresenta uma dama da nobreza, em um ambiente de leitura, à esquerda da tela pode ser notado alguns livros que foram abertos e folheados e que possivelmente não atraiu a atenção da leitora. É visível que neste momento há uma escolha pelo que irá ser lido, e pela personagem se encontrar ainda de pé, é possível que ainda

siga procurando algum texto específico. Trata-se de uma busca por informação, ou o pintor apenas quis demonstrar a forma que a mulher do século XVIII e XIX ocupava seu tempo, pois na maioria das vezes, a leitura feita pela mulher é representada como momentos de distração ou lazer.

Figura 4 - Dans la Bibliothèque, Auguste Toulmouche, 1872.



Fonte: Museu de Artes de Nantes.

Ver mulheres leitoras com feição descansada e entediada é comum nessas obras, é de se supor que o conteúdo do que lhe era permitido ler não lhe despertava muito entusiasmo. Pode-se notar essa postura nas Figuras 5, 6 e 7. Essas

expressões dizem respeito ao contexto histórico social em que elas estavam inseridas. O que o pintor representa nesses retratos é uma monotonia tentando ser suprida através da leitura. A tarefa de se informar era algo restrito ao público masculino, cabendo às mulheres a leitura de alguns romances, livros de culinária e revistas de moda.

Figura 5 - Madame Pompadour, François Boucher, 1756.



Fonte: Coleção Wallace, Londres.

Abreu (2001) escrevendo sobre os preconceitos na leitura, faz um breve relato das práticas de leitura em algumas pinturas, e ao descrever o cenário da obra de Georges Groegaert (Figura 6) apresenta uma análise que corrobora com a nossa quando relata que sua leitura “provavelmente trata-se de um romance, pois sabe-se

que livros desse gênero circulavam em brochuras de tamanho médio [...]”. (ABREU, 2001, p. 144).

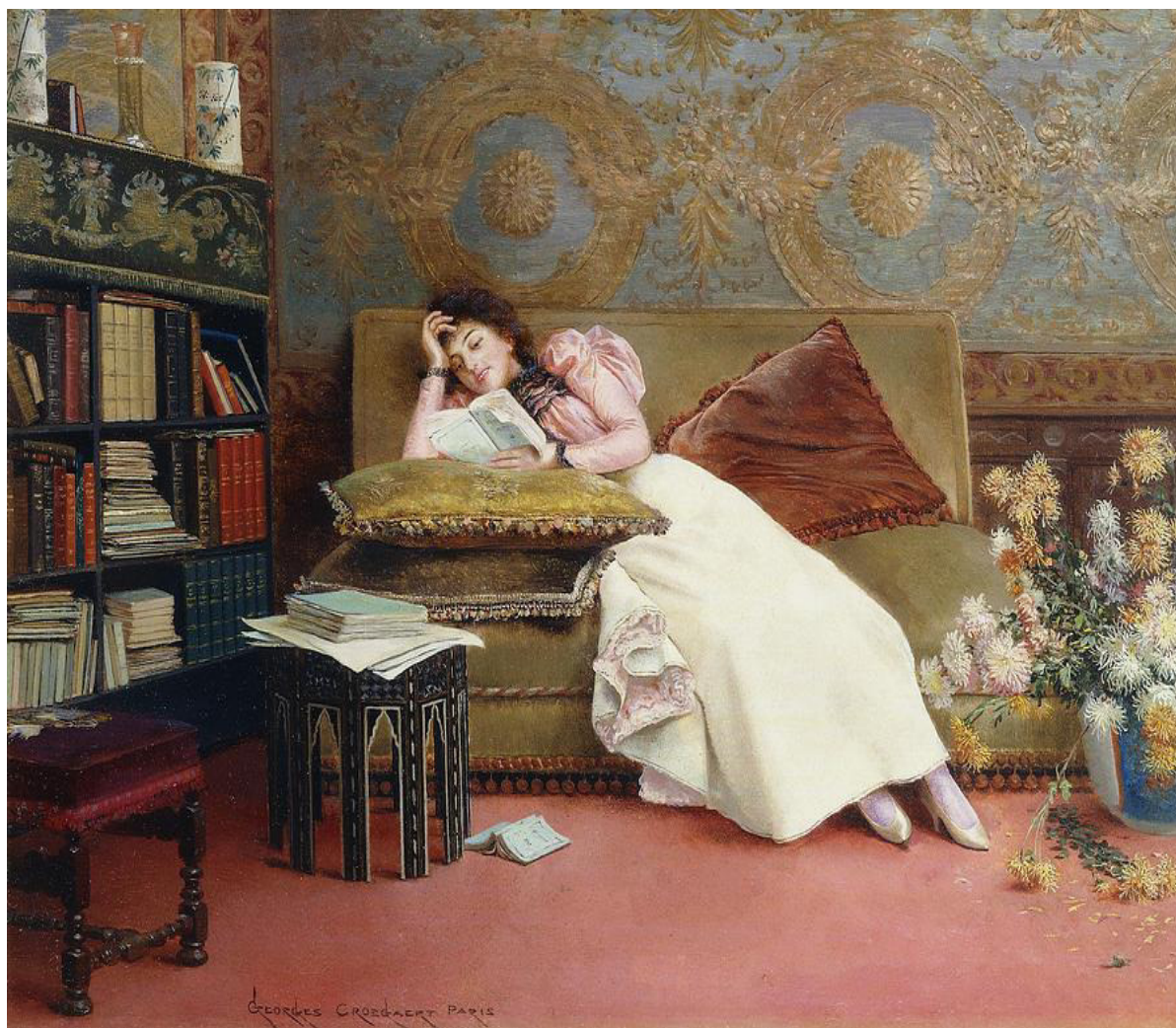
A autora salienta que, pelo ambiente da leitura e pelas vestimentas da personagem, trata-se de uma pessoa inserida dentro de uma cultura letrada, a presença dos vários livros confirma essa hipótese. A autora ainda sugere que pela quantidade de livros, é de se imaginar que não continham apenas romances e que suas leituras não se restringiam a apenas esse tipo de literatura. Mas, atentando para o título da obra, nesse momento a personagem está propriamente praticando que o que é referido pelo título da obra ‘horas de lazer’.

Figura 7 - Portrait of Winifred Robers, Eleanor Fortescue, 1913.



Fonte: Tullie House Museum and Art Gallery Trust

Figura 6 - Leisure hours, Georges Croegaert, 1890.



Fonte: Private Collection.

4.2 LEITURA EM VOZ ALTA

O leitor oral está dentro e fora do texto, aquele que lê em voz alta, não pode permanecer apenas com sua percepção acerca do que está sendo lido. Ele deve levar em consideração o ponto de vista dos ouvintes e estar ciente que pode haver comentários no decorrer de sua fala. Pausas para críticas ou elogios sobre o que está sendo lido, podem ser consideradas incômodo, interrompendo o leitor, prejudicando não somente o seu raciocínio como o daqueles que estão ouvindo.

Ler em voz alta diz respeito a compartilhar o conhecimento. Podemos compreender melhor essa afirmação se refletirmos sobre como é disseminada a

informação na sala de aula e o poder da palavra falada nas igrejas e nos tribunais, salientando que essa prática está respaldada pelo texto escrito.

Isso não impõe que uma seja superior a outra, ambas possuem sua importância e estão atreladas ao contexto, sendo o momento da leitura que ditará quão significativa será tal prática.

As maneiras de ler e as posições de leitura vistas nas pinturas religiosas do período Medieval refletem uma leitura na maioria das vezes em grupo, em reuniões eclesiais mostrando uma **leitura em voz alta** por uma pessoa, que detinha a posse do livro, representando o conhecimento divino e os demais apenas como ouvintes não participando da interpretação do texto. Nesse caso, temos duas classes reunidas, o clero, formado pela igreja e os camponeses e demais trabalhadores que compunham a maior parte da população.

Figura 8 - Vida de St Agostinho, Charles-André van Loo, 1753.



Fonte: Basílica Notre (Paris, France)

A pintura representou várias fases pelas quais as religiões passaram. Dentre essas várias, o donatismo, ramificação do catolicismo, classificado como heresia, surgido na África no início do século IV, está representado por Charles-André van Loo, trazendo a imagem da Bíblia sendo erguida por Santo Agostinho de Hipona, a apresentando como verdade única, se opondo aos falsos ensinamentos dessa seita, como pode ser observado na Figura 8.

Na Figura 9, pode ser observada uma prática de leitura que na nossa percepção é pouco usual para a época retratada, já que, o mais jovem lê para o mais velho. Ao analisarmos esse cenário, concordamos com Bajard (2007) quando relata que, no contexto da época, as crianças de família pouco letradas não utilizavam o livro como função social, ou seja, o livro que as crianças tinham acesso eram puramente didáticos e tinham contato com ele apenas na escola ao serem alfabetizadas.

Figura 9 - Lendo Devoções ao Avô, Albert Anker, 1893.



Fonte: Kunstmuseum Berna, Berna, Suíça

Então, aqui, o personagem retratado é um caso à parte, já que, pela pouca idade e condição social faz uso do livro de forma não didática.

A Figura 9 traz a hipótese de que, impossibilitado de praticar a leitura, “o avô” recorre ao seu neto para desfrutar da leitura de devoções, assim explicitada por Albert Anker (1893). Nessa pintura, supomos que há a necessidade de uma informação contida no livro, que não podendo ser suprida, seja por limitações motivadas pelo desgaste de saúde, ou, pode-se supor também que seja um costume de leitura, uma prática executada diariamente, e que nesse caso, é o momento não só de interação do que está sendo lido, mas figura-se um vínculo que se forma através desse momento de leitura.

O ambiente da leitura confirma nossa hipótese de uma leitura que traz conforto e remete ao singelo, pela simplicidade do cenário em que é praticada a leitura. O garoto que faz a leitura apresenta uma postura concentrada e, ao mesmo tempo, cauteloso, sabendo que está lendo para alguém que detém conhecimento superior ao dele. A fisionomia do ouvinte da leitura está confortável, e em nossa percepção o conteúdo está sendo abstraído sem nenhum impedimento.

Em última hipótese, podemos supor também que, o idoso por não ser alfabetizado, necessita que outro faça a leitura para ele.

Diniz (2016) corrobora nosso entendimento ao relatar que

Os livros passaram a ser grandes companheiros dos leitores, assumindo dimensão bem mais ampla do que apenas decodificar sinais e símbolos, **a leitura torna-se essencial para a integração entre os seres humanos** e exige que o leitor a domine a fim de não ficar alheio, distante das diversificadas formas de comunicação. (DINIZ, 2016, p. 289, grifos nossos)

Esse ato de interação faz com que os momentos de leitura se tornem agregados de valores que vão além do ato absorção do texto. Essas representações das formas de diálogo do livro com os diversos atores que deles fazem uso, aproximam de uma realidade cada vez mais significativa. É uma forma de comunicação em que o conhecimento é partilhado em partes iguais a todos, e requer dos interlocutores maior atenção.

4.3 LEITURA ACOMPANHADA

Nessa categoria de leitura, apresentam-se pinturas que representam uma prática desenvolvida na presença de alguém. Uma leitura acompanhada possui diversas perspectivas; pode-se ler em silêncio na presença de alguém, sem necessariamente essa pessoa participar da leitura ou pode desenvolver-se ainda, uma leitura compartilhada, onde duas ou mais pessoas desfrutam do mesmo escrito, de forma silenciosa ou em voz alta.

Figura 10 - Reading Lesson, 1865 Auguste Toulmouche.



Fonte: Museum of Fine Arts Boston.

O cenário mostrado na Figura 10, pertence ao grupo de práticas que representa uma leitura acompanhada e em voz alta, trata-se um ato de ensinamento em que a mãe expõe o conteúdo do livro à filha, e a filha também se utiliza do livro. Nesse período, educar era uma tarefa exclusivamente feminina, cabia às mulheres o papel de fazer que essas meninas fossem educadas. Nesse momento de estudo e de acordo com o ambiente da leitura e as vestimentas das duas personagens, podemos dizer que no contexto histórico-social a qual pertenciam, essa prática de leitura era aplicada por pertencentes da classe da média da época. Mesmo sendo esse, um momento de estudo, ao observar-se o cenário, notamos que não se trata de um ambiente exclusivo para ensinamentos e aprendizagens, como seria o caso de uma biblioteca, mas sim, de espaço de lazer, pois podemos imaginar que a mulher que aplica a lição acabara de tocar o piano e apenas virou-se para executar essa tarefa.

Com as personagens compartilhando a mesma cadeira, esse momento se torna ainda mais intimista. A mãe, que aplica a lição de leitura, traz um gesto paciente e calmo, Toumoulche (1865), procurou retratar nessa obra, uma cena que representasse uma transmissão de cultura, dada à presença do piano, para simbolizar alguém que detinha valores intelectuais, e nessas circunstâncias, podemos afirmar que se trata de uma família culta e letrada.

Auguste Toulmouche nasceu em 1829 na cidade de Nantes, foi um pintor francês especializado em retratos e expôs muitas de suas pinturas no salão de Paris. Aclamado por críticos da época, Toulmouche, se firmou como um pintor que retratava a alta burguesia parisiense.

De forma singular, retratou diversas vezes o livro, e o que se observa nessa obra (Figura 11) é a representação da leitura do livro proibido. A curiosidade das jovens nessa figura, simboliza o desejo de conhecer algo novo fora da realidade doméstica a qual as mulheres dessa época estavam destinadas. A grande maioria dos livros proibidos para mulheres se tratava de romances e novelas que na visão dos contemporâneos masculinos poderiam lhes tirar a inocência e fazê-las idealizar um parceiro ou uma vida contrária a que teriam, pois entendia-se que a leitura era capaz de mudar o comportamento dos leitores.

Ler um desses livros configurava-se um ato de rebeldia, “[...] durante muito tempo, a leitura das mulheres foi submetida a um controle que justificava a

mediação necessária do clero, por temor das interpretações selvagens, sem garantia do poder.” (CHARTIER, 1999, p. 109)

Enquanto há uma jovem vigiando a porta para não serem surpreendidas por alguém, as outras estão realizando a leitura. As duas jovens no canto esquerdo da Figura 11 apresentam uma postura menos apreensiva que as duas do lado direito, por já estarem praticando a leitura.

Figura 11 - Forbidden Fruit (Le Fruit Défendu), Auguste Toulmouche, 1865.



Fonte: Private Collection.

A moral e os bons costumes deveriam ser preservados, e por, as mulheres parecerem mais influenciáveis no contexto da época, esses textos deveriam ficar fora de alcance da leitura. Abreu (2007, p. 6) afirma nossa ideia quando escreve que, "naquele momento, o gênero romanesco era malvisto pelos letrados que identificavam, entre seus diversos problemas, o fato de ele poder ser tomado pelos leitores como modelos de conduta". No entendimento de Müller, (2013, p. 103) "a literatura capaz de influir sobre a vida de seus leitores, influenciar comportamentos e hábitos e fomentar posicionamentos [...]" tudo isso era temido pelos homens, pois uma vez que as mulheres tivessem acesso a essas obras, seu comportamento e hábitos em relação à sociedade mudariam.

A censura dos livros a cada dia aumentava por parte dos que detinham algum poder, seja Igreja ou Estado, e a leitura mesmo sendo multiplicada através da imprensa, o desejo de contê-la também veio à tona. Burke (2016, p. 133), relata como foi esse processo descrevendo que,

Na Europa do início do período moderno, a censura de livros impressos era uma preocupação da máxima importância para as autoridades nos governos e igrejas, tanto protestantes como católicos, fossem as suas ansiedades relacionadas à heresia, subversão ou imoralidade.

Burke (2016, p. 133) comenta também que "o sistema de censura mais famoso e generalizado do período foi implementado pela Igreja Católica, atrelado ao Índice de Livros Proibidos." Os livros que faziam parte dessa lista continham de alguma forma textos que iam de encontro aos ensinamentos católicos da época.

Concordamos com Mineiro, Bemfica e Cardoso (2010) quando referem que as práticas de leitura são sempre encarnadas em gestos e são as condições do contexto, o cenário sócio histórico e cultural da época que definem as comunidades de leitores e o que pode ser lido.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar essa pesquisa, objetivamos investigar a representação da imagem do livro na pintura, levando em consideração a sua materialidade e as práticas de leitura evocadas. Nossa intenção ao trabalhar essa temática foi tornar visível o que significou a imagem do livro e a forma que a leitura era percebida pelos leitores das diversas épocas, a partir das obras selecionadas. No percurso, foi possível perceber que o livro não era visto apenas como suporte do texto, mas era carregado de valores que ultrapassavam seus escritos, uma vez que representando o conhecimento e a sabedoria divina, ele predominava sobre a oralidade popular.

Pelo longo caminho percorrido pelo livro, desde as mudanças em seu suporte ao seu valor material e intelectual, compreendemos que essas transformações permitiram um maior alcance às classes sociais. Procuramos expor o livro salientando sempre o seu contexto histórico, porque em cada época ele teve maneiras e usos distintos.

Foram submetidas à análise 11 obras que correspondiam ao que desejávamos apresentar, cada imagem revelou práticas e usos do livro de forma distinta, corroborando para que essa pesquisa fosse representativa e descrevesse em imagens os modos e maneiras de ler de forma individual e contextualizada.

No momento de escolha das imagens observamos como a questão de gênero influenciava na forma que o livro iria ser representado nas pinturas, refletindo de forma cultural as preferências de determinado período histórico.

Ao associarmos o significado do livro ao desempenhar seu papel e os seus leitores, nos damos conta de como a pintura foi preponderante para registrar algo que poderia ser perdido se não houvesse essa forma de representação. Cada pintura revelou esses modos tornando visível o que era conhecido apenas na teoria.

Foi possível verificar como o livro simbolizou um marco para a história, tanto em relação ao seu suporte quanto ao seu conteúdo. Pudemos identificar que os pintores buscavam retratar a figura do livro e de seus personagens diferenciando a pintura religiosa da pintura de retrato.

Ficou evidente que a leitura é capaz de transformar o meio social, fazendo com que haja mudanças no comportamento das pessoas.

Podemos concluir diante do exposto que o contexto histórico social foi preponderante para definir as práticas e modos de leitura. As personagens representadas na pintura tornaram visíveis a sociedade à qual pertenciam, nos permitindo um questionamento do porquê tais gestos eram postos em prática na ocasião, gerando através da observação uma série de pressupostos da obra de forma geral, do livro e acerca do ambiente da leitura por essa representados.

Isso refletiu de maneira significativa nos resultados da análise, desse modo, inferimos que, na pintura religiosa, o livro é representado significando a sabedoria divina, pretendendo tornar exposto os ensinamentos bíblicos a quem dela não tinha acesso. Na pintura de retrato, sua exibição foi mudando ao longo dos tempos, ele se mostrou moldável e acessível, tornando-se objeto de desejo dos diversos grupos de pessoas. Como foi analisado, destacamos o livro como símbolo da representatividade e as práticas leitoras como algo subjetivo e contextual.

Pelo tempo que tivemos não foi possível abarcamos mais categorias das práticas leitoras, mas a partir desse, temos o intuito que haja prosseguimento dessa temática de forma mais abrangente. Esperamos que este trabalho sirva de apoio para trabalhos futuros.

Sugerimos a realização de pesquisas que correlacionem a imagem do livro aos diferentes movimentos artísticos, levando em consideração cada escola de pintura e seus principais representantes, bem como a análise da forma que a leitura era percebida nesses diferentes movimentos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, M (Org.) **Ler e navegar**: espaços e percursos da leitura. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 2001. p. 139-157.
- ABREU, M. Diferentes formas de ler. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm> Acesso em: 03 set. 2019.
- ABREU, N. O controle à publicação de livros nos séculos XVIII E XIX: uma outra visão da censura. **Fênix**: Revista de História e Estudos Culturais, v. 4, n. 4, p. 1-12, out./dez. 2007.
- ALENCAR, M. G. S. P. de. A leitura e as tecnologias de informação e comunicação na atual configuração de sociabilidade capitalista: era da informação ou indeterminação? **Informação & Sociedade**:Estudos, João Pessoa, v. 24, n. 2, p. 13-18, maio/ago. 2014.
- ALTIERI, J. Uma Análise da obra de Roger Chartier Sobre a História da Leitura. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 15., 2010, Vitória. **Anais...** Vitória, 2010.
- ASSMANN, H. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília,D.F, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000.
- AZEVEDO NETTO, C. X. de. Informação e memória: As relações na pesquisa. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados, v.1, n.2, set. 2009. ISSN 1981-2434.Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/412/302>. Acesso em: 10 dez. 2018.
- BAJARD, E. **Da escuta de textos à leitura**. São Paulo: Cortez, 2007.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições70, 2010.
- BAUER, M. E.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BEZERRA, G. B. Do manuscrito ao impresso: investigando o suporte. In: EVENTO PG LETRAS 30 ANOS, 2006, Recife. **Anais...** Recife, 2006. v.1, n.1, p. 381-396.
- BURKE, P. **O que é história do conhecimento?** 1.ed. São Paulo: UNESP, 2016.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1998.
- CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, R. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 5, n. 1. 173-191, abr. 1991. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?sc=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso>.
 Acesso em 07 fev. 2019.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros**: leitores autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília, D.F.: Ed. UNB, 1994.

CHARTIER, R. (Org.) **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação liberdade, 1996.

DINIZ, J.P.A. Práticas de leitura nas mídias sociais: influências da mídia social *facebook* na formação de leitores dos cursos de graduação do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí. In: INTER PROGRAMAS, 2., Brasília, D.F. – SECOMUNICA, 15., Brasília, D.F.comunicadores e mutações : cenários e oportunidades. **Anais...** Brasília, D.F.: UNB, 2016.

DUMONT, L. M. M. Contexto, leitura e subjetividade. **Transinformação**, Campinas, v. 13, n. 1, p. 43-47, junho de 2001. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-37862001000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 de março de 2019.

FACHINETTO, E. A. O hipertexto e as práticas de leitura. **Letra Magna**, v. 3, n. 5, 2005.

FROSSARD, V. C. Tipos e *bits*: a trajetória do livro. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1., 2004, Rio de Janeiro. I SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1., 2004. **Anais...** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8.ed. São Paulo: Record, 2004.

GOMBRICH, E. H.; CABRAL, Á. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

GOULART, I. C. V. Como nos constituímos leitores? Um estudo sobre o livro e as experiências de leitura. **Letras em Revista**, v. 3, p. 28-42, 2012.

GOULART, I. C. V. Entre a materialidade do livro e a interatividade do leitor: práticas de leitura. **RDBCI**: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, SP, v. 12, n. 2, p. 5-19, maio 2014.

JUSTAMAND, M. As pinturas rupestres do Brasil: memória e identidade ancestral. **Revista Memorare**, v.1, n.2, p. 118-141, abr. 2014. ISSN 2358-0593. Disponível em:

http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare_grupep/article/view/2388/1699. Acesso em: 10 dez. 2018.

MACHADO, A. Fim do livro? **Estudos avançados**, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 201-214, 1994. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200013&lng=en&nrm=iso. Acesso em 31 jan. 2019.

MÜLLER, A. C. P. Moral e arte literária no século XIX: o romance sob suspeita. **Polifonia**, Cuiabá, MT, v. 20, n. 28, p. 101-131, jul./dez., 2013.

MINEIRO, I. B.; BEMFICA, J. C.; CARDOSO, A. M. P. Apontamentos sobre as práticas de leitura: do livro de areia “à” sopa de letras luminosas. **Em questão**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 149-164, jul./dez. 2010.

MIRANDA, A. Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdo. **Ciência da Informação**, Brasília, D.F., v. 29, n. 2, p. 78-88, maio/ago. 2000.

NASCIMENTO, L. L. do.; PINTO, V. B. VALE, H. C. P. do. O livro, a biblioteca e leitura: conhecer o passado para entender a (r) evolução tecnológica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO 25., 2013, Florianópolis, **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2013.

PAULINO, S. F. Livro tradicional x livro eletrônico: a revolução do livro ou uma ruptura definitiva? **Hipertextus**, n.3, jun. 2009.

RIBEIRO, G. M.; CHAGAS, R. L.; PINTO, S. L. O renascimento cultural a partir da imprensa: o livro e sua nova dimensão no contexto social do século XV. **Akropólis**, Umuarama, v. 15, n. 1 e 2, p. 29-36, jan./jun. 2007.

SILVA, C.R.S. Biblioteca híbrida: o *QR Code* e o movimento *booktuber* como recursos de promoção da literatura. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 6, n. 1, p. 126-139, jan./abr. 2019.

SILVA, T. E. da. Livro e cinema: representações de práticas relativas ao livro na imagem cinematográfica. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v.16, n.2, p.91-106, jul./dez. 2006.

SILVEIRA, D. F.; CÓRDOVA, F. P. **Métodos da pesquisa**, Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.